

**SOCIEDADE DO CONHECIMENTO: A ESCOLA E O VERSO/REVERSO  
DOS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS**

*Knowledge society: the school and back / rev  
of contemporary challenges*

DE MARI, Cezar Luiz<sup>1</sup>

**RESUMO**

Buscamos analisar o fenômeno chamado *sociedade do conhecimento* e sua vinculação com a escola a partir de documentos e fontes bibliográficas. Compreendemos que a escola se constitui como instituição estratégica em cada sociedade na legitimação dos valores, símbolos e concepções consideradas válidas. De outra forma, a própria escola exerce um papel contraditório em absorver e universalizar interesses particulares como expressões sociais manifestadas neste estudo na sua relação com o ideário *sociedade do conhecimento*. Concluímos com a ideia de que a formação escolar não se resume à ampliação do acesso às TICs, e tampouco na absorção acrítica de ideários passageiros, mesmo que as tendências de cada período busquem enquadrá-la dentro do que compreendem como válido. Reafirmamos o trabalho como princípio educativo e como mediação da subjetividade e da objetividade social.

**Palavras-chave:** Escola; Conhecimento; Sociedade do Conhecimento.

**ABSTRACT**

We seek to analyze the phenomenon called the knowledge society and its relationship with the school from documents and literature sources. We understand that the school is constituted as an institution in every society strategy in the legitimation of values, symbols and concepts considered valid. Otherwise the school itself has a contradictory role in absorbing and universal interests as social expressions manifested in this study in relation to the ideal society of knowledge. We conclude with the idea that schooling is not limited to expanding access to ICTs, nor the uncritical absorption of ideologies passengers, even if the trends of each period seek to fit it into what you understand as valid. We reaffirm the principle of education and work as a mediation of subjectivity and social objectivity.

**Keywords:** School; Knowledge; Knowledge Society.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Viçosa. E-mail: cezardemari@uol.com.br

## INTRODUÇÃO

Vivemos um tempo de mudanças que se processam em velocidade nunca antes vista, com impacto sobre todas as dimensões sociais. Essas mudanças são dinamizadas pelo avanço da capacidade tecnológica e incorporadas como processos de inovação. A literatura convencionou chamar este período de *Sociedade do Conhecimento*, ou *da Informação*, *Era do Conhecimento* e de outros termos correlatos. Uma gama de sinônimos é usada para tentar explicar o fenômeno de tais transformações sociais e seus impactos sobre a vida social. A polissemia dificulta as análises em função da variação de significados e pelo modo aparente como trata os fenômenos a ela relacionados. Muitos autores, seguindo a perspectiva de Toffler (1995), designam-na como *Terceira Onda*, aderindo à ideia de que estaríamos vivendo um período para além do agrário e do industrial, em uma *sociedade da informação* ou *do conhecimento*. Outros, no entanto, percebem aí apenas um novo modo das velhas formas sociais se abrigarem (FRIGOTTO, 1995; GENTILI, 1995; DUARTE, 2001; CHAUI, 2003; KURTZ, 2003). Não se trata de uma temática simples, mas de reconhecer que mudanças dessa ordem têm suscitado debates e confrontos, consensos e dissensos no campo acadêmico e desdobramentos nos diversos campos sociais, principalmente no educacional. Neste estudo, tratamos da *sociedade do conhecimento* como ideologia, no sentido posto por Gramsci (1999), como um conjunto de ideias, crenças e convicções produzidas pela sociedade que, mesmo estando no terreno da aparência, promovem e acionam políticas que se desdobram em ações sociais. Partindo desse ponto de vista, buscamos compreender o que se aguarda da escola em sua relação com essa ideologia e quais suas implicações para a organização escolar. Divulga-se amplamente na mídia, na literatura especializada e nos documentos oficiais que a escola precisa entrar na *era do conhecimento*, que precisa se adaptar às mudanças solicitadas pelas inovações tecnológicas. Queremos analisar o que exatamente essas indicações querem dizer e quais os desdobramentos para a instituição escolar.

Essa complexa trama das transformações no campo do conhecimento nos faz perguntar mais uma vez sobre o papel da escola, sua função como produtora ou reprodutora de conhecimentos. Diante do argumento reiteradamente repetido pela literatura de que o conhecimento não é mais privilégio da escola, mas estaria difundido socialmente, disponível para o acesso pelas várias vias de comunicações, observamos que no reverso a instituição escolar cada vez mais assume o papel de produtora/reprodutora do consenso social.

Usamos como metodologia a pesquisa documental e bibliográfica, mostrando que em amplo aspecto temos uma posição de adesão aos efeitos das transformações tecnológicas contemporâneas, materializadas em projetos e expectativas para a instituição escolar. De outro modo, entendemos que o avanço das transformações na base técnica das forças produtivas é uma condição dada e que a mesma deve ser acompanhada de análise em termos conceituais e de consequências para o processo de formação profissional.

Para nossa investigação, Gramsci (1999, 2000) e Apple (2003) serviram de subsídios nas concepções de conhecimento, escola, pedagogia e formação

humana, compreendidas como formas de produção social de uma época, de acordo com o desenvolvimento da materialidade a ela correspondente.

### **A ESCOLA E A SOCIEDADE DO CONHECIMENTO**

Partimos da compreensão de que os avanços nas formas produtivas atuais impactam sobre o processo de produção do conhecimento e da formação humana. O que vem se chamando de *sociedade do conhecimento*, mesmo que seja reconhecida por nós como ideologia passageira, não suprime a contradição presente no próprio conceito de ideologia, isto é, a mobilização de ações para sua legitimação.

Matos (2002, p.9), observando as implicações concretas deste fenômeno no campo social, afirma que, apesar da ambiguidade, o constructo se materializa teórica e praticamente:

[...] [a] sociedade do conhecimento para além de um constructo tecnológico, é um constructo teórico/prático, no sentido de modelo social global que se legitima, tanto mais quanto mais se torna socialmente dominante, isto é, quanto mais reduz a pertinência da questão do sentido à imprescindibilidade instrumental da sua utilização.

Matos indica uma importante forma da manifestação da ideologia, uma vez que a mesma toma corpo social e promove ações correspondentes, mediando consensos sobre os ideários produzidos. Trata-se de um fenômeno atual do desenvolvimento capitalista e precisa ser analisado em termos de desdobramentos sociais e políticos, especialmente no campo educacional.

Drucker (1968) foi o primeiro a cunhar o termo *sociedade do conhecimento*. Na obra *Uma era de descontinuidade*, anuncia a educação como o cerne de uma nova era, a era da *sociedade do conhecimento*, em que o conhecimento é focado como fator de produção, combinando e suplantando os antigos fatores: trabalho, capital e terra.

Toffler (1995) em *A terceira onda* vê nas mudanças microeletrônicas e informacionais a revolução do conhecimento, reconhecido como o novo ponto de ordenamento dos poderes sociais pela descentralização, divulgação e democratização do conhecimento. Essa nova base técnica acarretaria o fim da divisão do trabalho e a dissolução das classes sociais. Esse otimismo também se estende aos valores de conduta e comportamentos gerados por uma sociedade democrática e do conhecimento, objetivando a produção da coesão social.

Em Castells (1999) na obra *A sociedade em rede*, temos uma elaboração similar, denominada “sociedade da informação”, na qual enfatiza o surgimento de uma nova era informacional, cuja economia estaria ancorada no conhecimento. A lucratividade e a competitividade dos países periféricos teriam, na nova economia baseada nas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), reconhecimento como campo fértil de desenvolvimento.

Mas a inspiração primeira da *sociedade do conhecimento* encontramos em Daniel Bell (1976), na obra *O advento da sociedade pós-industrial*, em que elabora a ideia de uma sociedade baseada no conhecimento. Os pressupostos centrais presentes na obra de Bell dizem respeito aos conceitos de sociedade “pós-industrial”, conhecimento como princípio axial,

universidade como *locus* privilegiado da produção do conhecimento, conhecimento e tecnologia como os novos fatores produtivos e de inovação, o indivíduo definindo sua posição social por mérito, relações entre economia e política reconhecidas pelo mérito, estamentos de trabalhadores num novo padrão de legitimidade: engenheiros e técnicos, que constituiriam as novas elites criativas, juntamente com as classes médias e trabalhadores técnicos, e a compreensão de que as esferas do serviço absorveriam as demandas dos novos empregos dispensados pela indústria.

TABELA 1:<sup>2</sup> Número de vezes em que os termos *escola*, *sociedade do conhecimento* e correlatos ocorrem nas línguas portuguesa, inglesa e espanhola

N.	TERMOS	PORTUGUÊS	INGLÊS	ESPAÑHOL
1	Escola e <i>Sociedade do conhecimento</i>	751.000	1.690.000	2.400.000
2	Escola e Sociedade da Informação	771.000	7.540.000	479.000
3	Escola e Sociedade Informacional	46.300	9.010.000	479.000
4	Escola e a Era da Informação	3.180.000	154.000.000	2.250.000
5	Escola e a Era do Conhecimento	2.380.000	746.000	543.000
6	Escola e Economia do Conhecimento	1.940.000	725.000	1.420.000
7	Escola e Economia da Informação	3.520.000	1.220.000	1.850.000
8	Escola e Economia Informacional	34.600	3.250.000	361.000

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do *Google*. Janeiro de 2009.

No que toca a nossa investigação, buscamos aprofundar o papel da escola para entender em que medida ela está sendo solicitada a aderir ao novo ideário. Para tanto, empreendemos uma pesquisa no *Google* (Cf. TABELA 1), considerando a terminologia *sociedade do conhecimento* e seus correlatos, nas línguas portuguesa, inglesa e espanhola. Observamos que mais da metade das citações que veiculam essa terminologia, ou referência correlata, aparece juntamente com a palavra escola. O que nos permite inferir que a escola está citada milhões de vezes vinculada aos termos que trazem o ideário *sociedade do conhecimento*. Indica-nos também que a escola é pensada como uma das instituições mediadoras desse ideário. O argumento é coerente se observarmos Bell (1976) condicionar a educação como caminho de acesso à sociedade pós-industrial, bem como os posicionamentos oficiais de governos, situando a escola como espaço de produção de conhecimentos para o desenvolvimento nacional.<sup>3</sup>

Os termos na língua portuguesa mais repetidos são: “escola” e “economia da informação” com 3.420.000 repetições e “escola” e “era da informação” com

<sup>2</sup> Tabela inspirada no trabalho de Sene (2008).

<sup>3</sup> Estamos nos referindo aos posicionamentos oficiais dos governos dos países participantes da OCDE com a Criação da *Staring Strong Network*. Essa rede foi criada sob a coordenação de Portugal para articular as discussões sobre as políticas para educação infantil com estatísticas e orientações sobre a escola, a ciência e a inovação para o desenvolvimento, contidas em duas edições recentes (OCDE, 2008a, 2008b). O governo brasileiro tem posto no horizonte a *sociedade do conhecimento*, especialmente pelas políticas do MCT (BRASIL, 2007), em que une a ciência, a tecnologia e a inovação como caminho eixo para o desenvolvimento.

3.180.000. O termo “escola” vincula-se ao ideário *sociedade do conhecimento* articulado às demandas econômicas, eixo pelo qual se delineiam as dimensões da produção e a incidência desta na composição de um ideário de desenvolvimento dos países periféricos.

#### ALGUNS RECORTES NA LITERATURA QUE ABORDA TICs E ESCOLA

Frequentemente encontramos argumentos relativos à revolução tecnológica enfocando as TICs como eixo de tal revolução e a escola compreendida como veículo de adaptação, transmissão e atualização destas, como os autores aqui selecionados: Castro (1998), Tedesco (2006), Andrade (s/d), Jacinto Escola (2005), Sertek (s/d), Pretto (2000), Lima (2008), Mesquita (2002), Sene (2008), Freire (s/d). Há um consenso quanto à compreensão da *sociedade do conhecimento*, como fenômeno atual na grande maioria dos textos pesquisados, convergindo com a ideia de uma sociedade regida pelo conhecimento. Posição também encontrada em literaturas oficiais como *O livro Verde*, lançado pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (2001) como veremos adiante.<sup>4</sup>

A ampla compreensão da literatura se atém ao argumento de que as informações e o conhecimento estão dispostos nas redes de comunicações instaladas globalmente e movimentam o mundo da economia, das finanças, do comércio e outros. Por isso convencionou-se atribuir à escola a função de se adaptar a este novo ideário, de maneira a adequar os seus métodos e a formação dos professores, criando as condições necessárias de inserção dos jovens nessa nova cultura. A frequência dos argumentos baila entre as noções metodológicas do *aprender a aprender* e ao redor das noções da revolução promovida pelas TICs. Em autores como Bell (1976) e Castells (1999), os argumentos são um pouco mais elaborados, lançando argumentos para subsidiar uma sociabilidade que se estruturaria pela via do conhecimento e da informação. Em todos os autores e manifestações oficiais, porém, os argumentos convergem no sentido de indicar a educação e a escola como instrumento e mediação do ideário *sociedade do conhecimento*.

Há outro conjunto de argumentos nas literaturas acima referidas, questionando se a escola seria ou não o *locus* da produção do conhecimento. Tomamos como referência Tedesco (2006) e Pretto (2000), cujas análises convergem quanto ao ponto de vista da necessidade de adequar a escola ao novo ideário, mas divergem quanto ao papel da escola no campo da produção do conhecimento.

Segundo Tedesco (2006), o conhecimento não é mais exclusividade da escola, mas é elaborado em todo lugar e em todos os ambientes. A sociedade, mesmo com a grande concentração de conhecimentos, não resolveu as desigualdades e a exclusão. O incremento das tecnologias também não resultou em avanço sobre as desigualdades sociais. A escola,

---

<sup>4</sup> Presentes em um conjunto de portarias, decretos e leis editados no período do governo FHC. O ideário *sociedade do conhecimento* esteve permeando a conjunção das reformas, funcionando como uma espécie de gatilho justificador da reforma. No período atual essas políticas têm se delineado pela via do MCT, pelo viés das orientações que, entre outras, promove a aproximação escola e tecnologia para a inclusão social.

ao contrário do que se imaginava, não conseguiu ser mais democrática e cidadã com mecanismos de gestão descentralizada. Diante disso o autor propõe um pacto entre sociedade e escola, a fim de que a escola possa cumprir seu papel formativo e de cidadania. Considera os programas de inclusão social uma das formas da escola ser inserida na *sociedade do conhecimento*. Sua aposta se dirige no sentido dos pactos sociais, nos quais a escola participaria como um espaço dinamizador privilegiado do conhecimento em função da cidadania. O trabalho de conhecer o conhecimento seria atribuído a ela em primeira instância como função social.

Tanto Tedesco (2006) quanto Pretto (2000) estão de acordo quanto ao fato de que não basta introduzir tecnologia na escola, mas é necessário pensar a escola nesse novo momento social. Pretto (2000), porém, aponta para a mudança na estrutura da escola, pois considera os métodos baseados na transmissão, as propostas de universalização do conhecimento e da educação continuada insuficientes para aproximar a formação das crianças e jovens da nova condição social. Nesse sentido, defende uma escola aberta em forma de redes de conexão, articulada pelas TICs, ou seja, uma rede que permita a interface com os campos de informações globalmente produzidos. A escola seria “um espaço aberto de interações não lineares” para formar competências capazes de introduzir os educandos no mundo das tecnologias. Ambas as posições estão em acordo quanto à entrada da escola na *sociedade do conhecimento*. Compreendemos que o termo cidadania, sugerido por Tedesco (2006), ainda é insuficiente para explicar exatamente a função da escola nesse contexto, uma vez que ela seria o resultado de um pacto entre sociedade e escola, acolhendo o ideário sem criticá-lo. A proposição de Pretto (2000), de aceitação do novo paradigma e de adaptação da escola, está mais próxima da proposição do Ministério da Ciência e Tecnologia (BRASIL, 2007b, p.25) que contém como Plano de Ação, entre 2007 e 2010, o desenvolvimento de tecnologias para o desenvolvimento social com as seguintes metas.

Articular, fomentar e promover ações para a produção, a difusão, a apropriação e a aplicação do conhecimento científico, tecnológico e de inovação como instrumento de desenvolvimento social, econômico e regional do país, bem como mecanismo de inclusão digital, mediante o desenvolvimento de P,D&I voltados para as tecnologias sociais e de inclusão social, por meio de processos metodológicos participativos.

É importante observar que o critério de inclusão utilizado pelos órgãos oficiais (MCT) e internacionais (OCDE e Banco Mundial) têm sido o de acesso à internet. Numa verificação mais atenta, porém, constatamos que a inclusão digital é ainda muito desigual em termos de continente. Segundo Werthein (2007), em 2006 as estatísticas apontavam a média de 1 bilhão de usuários no mundo; destes, 75% estão nos países industrializados pertencentes à OCDE. “Enquanto nos Estados Unidos os usuários são 54% da população total, na América Latina e no Caribe eles são apenas 3,2%” (WERTHEIN, 2007, p.1).

No Brasil o acesso à internet é ainda mais restrito para os pobres. Segundo o IBGE (2007), mais de 32,1 milhões, 21% da população considerados a partir de 10 anos de idade, tiveram algum tipo de acesso à internet. Destes, mais de 50% dos usuários são homens e possuem renda *per capita* ao redor de mil reais (R\$1.000,00); 13,9 milhões são estudantes; 20 milhões têm ocupação e 4,2 milhões são trabalhadores ligados a serviços administrativos.

Outro dado relevante é que um terço dos jovens de 15 a 17 anos não acessa à internet. 35,9% dos estudantes são internautas. 76,2% das pessoas com 15 anos ou mais de estudo acessavam à internet. Os que não acessam à rede possuem por volta de 37 anos, média de 5 a 6 anos de estudos e recebem por volta de trezentos e trinta e três reais (R\$333,00) por mês, atualizando-se este dado hoje representaria o grupo que possui renda de quinhentos e quarenta e cinco reais (R\$545,00). Segundo o *Jornal Sem Brasil*, em 2007 apenas 28% dos estudantes de escolas públicas brasileiras com renda mais baixa têm acesso à web. Esse número sobe para 67,2% entre aqueles com renda mais alta.

O MCT aponta como desafios estratégicos para a evolução da ciência e tecnologia o desenvolvimento da sociedade da informação, em que se inscreve a ampliação das redes de computadores e programas de inclusão digital (BRASIL, 2001). Essa perspectiva se materializa na medida em que observamos na pesquisa do Google, em 97.500 das vezes, o vínculo do MCT às palavras conhecimento e inovação,<sup>5</sup> sendo que em 90.000 delas aparece a referência à escola. É um forte indicativo do papel estratégico da escola no âmbito da inclusão digital, aqui observada no estrito critério de acesso.

Do nosso ponto de vista, porém, o acesso à internet não é suficiente para consolidar um processo de inclusão. Compreendemos que a escola é o espaço de formação profissional mais amplo, capaz de inserir o aluno no campo da cultura mais avançada e, ao mesmo tempo, contribuir para sua formação técnica. A restrição à inclusão pelo acesso à internet não expressa o que nos parece ser a razão mais determinante da escola, que consiste na formação para o entendimento da realidade e espaço de produção e socialização do conhecimento.

Assim apresentado, avaliaremos a seguir a concepção de escola unitária como a forma de organização escolar capaz de responder às demandas de avanços contemporâneos na via de uma escola que dê unidade à formação avançada e produza os conhecimentos para apreender a própria *sociedade do conhecimento*.

#### **A ESCOLA FRENTE ÀS DEMANDAS DE TECNOLOGIA E INOVAÇÃO**

O ideário *sociedade do conhecimento* e a escola aparecem articulados num processo de construção conjunta do novo momento tecnológico e social, conforme observamos acima. Para entendermos essa posição, partimos da compreensão da escola como formadora das gerações diante dos desafios trazidos pelas mudanças na base técnica da sociedade. Para isso lançamos mão da perspectiva da “Escola do trabalho”, modelo escolar pensado por Gramsci no início do século XX, inspirado no desenvolvimento industrial indicando uma nova dinâmica social ali se manifestando. Gramsci via inúmeras indicações de uma nova sociabilidade introduzida pela indústria moderna. O trabalho como princípio educativo foi elaborado a partir dessas experiências históricas cujos registros encontramos nas *Cartas* e nos

---

<sup>5</sup> Pesquisa realizada no *Google* em novembro de 2008. Foram vinculados os termos MCT, inovação e conhecimento, posteriormente os mesmos são vinculados com a palavra escola.

*Cadernos do Cárcere*, escritos ao longo do seu período de cárcere (1926-1937).

Gramsci vê o processo formativo a partir do que é mais avançado socialmente: naquele momento, a indústria se desenvolvia com intensa capacidade e, a partir disso, produzir novas sociabilidades. Um exemplo inspirador encontramos na “Carta 93”, de 9 de abril de 1928 (GRAMSCI, 2005, p.257-259), em que escolhe um brinquedo representativo do período industrial, o Mecano, para presentear seu filho Délio em seu aniversário. A escolha do Mecano não foi espontânea, mas pensada em termos do que mais expressaria o desenvolvimento deste período. De acordo com Nosella (1992, p.74-76), Gramsci estava preocupado em perceber a interação de Délio com o instrumento e as aprendizagens dali decorrentes. Para entendermos melhor, o trabalho para Gramsci não se restringia ao industrial, mas era considerado como trabalho abstrato, teórico e formativo a partir do novo modo de produção industrial. Ou seja, todo esforço psicofísico é educativo, o que compreende atividades intelectivas também como trabalho. O trabalho como princípio educativo resgata o *ethos* e o *logos* do trabalho industrial moderno, que instrui o processo escolar e no Caderno 12 (GRAMSCI, 2000) fala também que deve instruir o *currículum* escolar. Portanto, na sua concepção, o trabalho industrial era contraditório, pois ao mesmo tempo em que servia para uma escola estritamente profissional também introduzia um novo processo educativo social pelo trabalho. Se Gramsci vivesse hoje, seguramente daria um computador ou algo do gênero ao filho, para introduzi-lo na formação do que expressaria o fenômeno social mais avançado.

O exemplo do Mecano serve como ponto de partida para nossa discussão sobre a *sociedade do conhecimento*. Perguntamo-nos se é possível falar de sociedade do trabalho na *sociedade do conhecimento*. Se nossos argumentos anteriores estão corretos, vivemos em uma sociedade organizada e produzida pelo trabalho. O ideário *sociedade do conhecimento* não nos parece capaz de explicar o movimento da produção e reprodução social no sentido de explicitar as concretas relações entre a produção do trabalho humano e suas expressões ideológicas.<sup>6</sup> Ao contrário, pensar, filosofar, refletir, criticar são significações fora de moda para a *sociedade do conhecimento* (KURTZ, 2003), tendo sua legitimação diretamente relacionada ao fazer prático e à lida com os códigos pré-programados.

Compreendemos que, ao abordarmos a escola, não estamos tratando de um ente generalístico, mas de organização escolar, o que implica institucionalidade, política, ideologia, currículo, espaço de relação social, *lôcus* de socialização do conhecimento e de construção formativa. Lugar privilegiado do conhecimento, a partir de onde é possível concretizar a formação de modo a avançar no conhecimento dos conhecimentos. Trabalhamos com a ideia de que a escola é uma construção histórica e social e, de acordo com o desenvolvimento material de determinado tempo, teremos

---

<sup>6</sup> Em Gramsci essa unidade é também entendida como unidade dialética do momento objetivo (materialidade) e o subjetivo (a produção cultural). O conceito de Bloco Histórico também expressa esse sentido (GRAMSCI, 1999, p.111).

um determinado modelo hegemônico dela. É um espaço formativo e propositivo no qual é possível materializar processos de avanço sobre a formação naturalizante e precária, ou reproduzi-las. Nesse sentido, propomos a crítica ao conceito da *sociedade do conhecimento* e, em especial, ao modo como se tem apresentado na sua vinculação com a escola. Compreendemos que os avanços técnicos têm buscado materializar uma escola que reproduza o consenso, consenso no sentido de adaptação ao modelo social vigente. E o que apresentam as literaturas que falam sobre as TICs como mais avançado é a inserção no acesso às redes de comunicação internauticas. O que nos parece empobrecer por demais a função da escola na perspectiva formativa que defendemos.

Nesses termos, parece-nos oportuno pontuar a *sociedade do conhecimento*, que, como toda ideologia, produz ações e impactos sociais. Dentre tais impactos está a formulação do papel da escola como adaptadora das tecnologias da inclusão digital, a formação de professores para lidar com as novas tecnologias e outros, de modo a legitimar os valores da sociedade liberal, sem questioná-la. Essas questões nos parecem justificáveis diante de todas as mudanças técnicas atuais, porém, quando percebemos o princípio organizativo e diretivo desses projetos,<sup>7</sup> reconhecemos nele a perspectiva de uma escola mais adaptativa e pouco reflexiva, mais preocupada em instruir que em formar. Se a educação e a escola estão previstas em termos de resolução de proposições econômicas e desenvolvimento (OCDE, 2008a, 2008b; VELLOSO, 2002; BRASIL, 2007b), o lugar da escola não se constitui o da educação unitária, mas aquela que se encaixa nos processos de crescimento econômico, na perspectiva de um trabalho restrito.

#### ITEM CONCLUSIVO

Consideramos razoável levantar algumas discussões, nesta parte final do debate, em torno da ideia do conhecimento. Se Bell (1976) tem razão, o conhecimento torna-se um dos principais componentes produtivos a partir da segunda metade do século XX, e uma das consequências disso estaria materializada em uma nova economia dinamizada pela via da inovação, sustentada no conhecimento, com resultados sobre os processos de desenvolvimento dos países. Na medida em que os países alcançassem os níveis de conhecimento desejáveis, adquiririam um grau de maior competitividade e lucratividade nas relações globais. Essa economia seria medida pelo produto produzido, associado ao conhecimento nela agregado.<sup>8</sup>

O papel do conhecimento é definido como princípio axial, compreendido em seu cunho utilitário, vinculado diretamente à nova produção tecnológica intelectual. Mas, sobretudo, como ideologia que expressa uma materialidade avançada pelas inovações na base técnica da sociedade.

---

<sup>7</sup> Para maior aprofundamento nessa temática, conferir o Plano de Ação 2007-2010 (BRASIL, 2007), citado nas referências deste artigo.

<sup>8</sup> A literatura nacional e internacional produzida ao longo da década de 1990 sobre o tema educação indicava as reformas com objetivo de melhorar o desenvolvimento do país. A educação é responsabilizada por fatores de crescimento como o PIB e na promoção de cidadania e emprego. (VELLOSO, 2002; BANCO MUNDIAL, 1997a, 1997b, 1999, 2000, 2001, 2003a, 2003b, 2003c; BRASIL, 2001, 2007).

Nesse sentido, o papel da escola vai se delineando conforme as demandas legitimadoras de uma suposta *sociedade do conhecimento*, que, antes de concretizar-se como direito social, insere-se no campo da ideologia, por conseguinte na defesa de ideias particulares, dentre elas a de desenvolvimento nacional. Com o avanço tecnológico, o conhecimento adquire maior importância, pois ele incorpora à produção a ciência mais avançada como produto do trabalho humano (CHAUÍ, 2003). O próprio conhecimento se torna um produto necessário como elemento catalisador e concentrador do capital.

Posto isso, a escola, em uma *sociedade do conhecimento*, tem a função de produzir consensos que consolidem as contradições sociais vigentes, produzindo um movimento ideológico capaz de convencer que o avanço se assentaria restritivamente no acesso à informação e ao conhecimento.

Na nossa forma de compreender, o conhecimento e a tecnologia são resultados do trabalho humano e, por isso mesmo, compreendem a complexa rede de formação do sujeito numa sociedade em movimento permanente das dimensões subjetivas e objetivas. À escola é reservado o local especial de produção de conhecimento, de significados e de sentidos, a fim de que seu papel seja diferenciado da empresa e do mercado. É essencial uma escola que medeie a compreensão da sociedade atual, sem deixar de providenciar a formação ampla e unitária. O processo formativo está para além do ensino do domínio operacional da máquina, mais incluído numa dimensão formativa que apreende as contradições elaboradas e produzidas no seu momento histórico. Lembrando de Gramsci (1999) quando retoma Rousseau, a escola, na dimensão formativa da sociedade em termos de direitos e conhecimento das coisas, constitui-se como mediação central na produção de um novo consenso, porém um consenso mais elevado, baseado na perspectiva de uma reforma intelectual e moral.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Antonio Pereyra de. **Capacidades para a sociedade do conhecimento**. S/d. Disponível em: <<http://noesis.usal.es/Documentos/ARTICULOS%20EDUCARE%202003/Capacidades%20para%20a%20Sociedade%20do%20Conhecimento.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2008.

APPLE, Michel W. **Política cultural e educação**. São Paulo: Cortez: 2003.

BELL, Daniel. **O advento da sociedade pós-industrial**: uma tentativa de previsão social. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

BRASIL. **Decreto 2.208**, de 17 de abril de 1997. Regulamenta o §2º do art. 36 e os artigos de 39 a 42 da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 1997. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/D2208.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D2208.htm)>. Acesso em: 22 out. 2008.

\_\_\_\_\_. MCT (Ministério da Ciência e Tecnologia) e ABC (Academia Brasileira de Ciências). **Ciência Tecnologia e Inovação**: desafios para a sociedade brasileira (Livro Verde). 2001. Disponível em: <[www.itp.mct.br/unidades/gabin/livroverde.PDF](http://www.itp.mct.br/unidades/gabin/livroverde.PDF)>. Acesso em: 6 ago. 2004.

\_\_\_\_\_. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo 2006**. Disponível em: <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>. Acesso em: 22 out. 2008.

\_\_\_\_\_. INSTITUTO BRASILEIRO GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **PNAD 2005 - Acesso à Internet**. 2007a. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 3 out. 2008.

\_\_\_\_\_. Ministério da Ciência e Tecnologia. **Plano de Ação 2007-2010:** Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Nacional. 2007b. Disponível em: <[http://www.fiesp.com.br/irs/contec/pdf/transpar%C3%AAsncias\\_luiz\\_antonio\\_rodrigues\\_elias\\_-\\_contec\\_21\\_08\\_2007.pdf](http://www.fiesp.com.br/irs/contec/pdf/transpar%C3%AAsncias_luiz_antonio_rodrigues_elias_-_contec_21_08_2007.pdf)>. Acesso em: 22 out. 2008.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em Rede.** Volume 1, São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Maria Helena Guimarães de. **O Professor e a Escola numa Sociedade de Comunicação.** 1998. Disponível em: <[www.alb.com.br/anaisjornal/ezequiel/Palestras/PalestraMariaHelena.htm](http://www.alb.com.br/anaisjornal/ezequiel/Palestras/PalestraMariaHelena.htm)>. Acesso em: 8 set. 2008.

CHAUÍ, Marilena. A Universidade Pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**, n.24, set-dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a02.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2010.

DRUCKER, Peter. **Uma era de descontinuidade:** orientações para uma sociedade em mudança. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

DUARTE, Newton. As Pedagogias do "Aprender a Aprender" e Algumas Ilusões da Assim Chamada Sociedade do Conhecimento. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 24., 8 a 11 de outubro de 2001, Caxambu. **Anais...** Caxambu, 2001.

ESCOLA, José Joaquim Jacinto. **Ensinar e aprender na Sociedade do Conhecimento.** 2005. Disponível em: <[www.bocc.ubi.pt/pag/escola-joaquim-ensinar-aprender-sociedade-conhecimento.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/escola-joaquim-ensinar-aprender-sociedade-conhecimento.pdf)>. Acesso em: 15 ago. de 2008.

FREIRE, Sergio. **A educação na sociedade do conhecimento e no contexto da pós-modernidade:** surfando em uma nova onda. S/d. Disponível em: <[www.elton.com.br/2006-6-EduConhecimentoOndasPPT](http://www.elton.com.br/2006-6-EduConhecimentoOndasPPT)>. Acesso em: 31 out. 2008.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Os delírios da razão: crise do capital, metamorfose conceitual do caminho educacional. In: GENTILI, Pablo (Org.). **Pedagogia da exclusão:** crítica ao neoliberalismo em educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p.16-32.

GENTILI, Pablo (Org.). **Pedagogia da exclusão:** crítica ao neoliberalismo em educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere.** Volume 1: Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

\_\_\_\_\_. **Cadernos do Cárcere.** Volume 2: Os intelectuais. O Princípio Educativo. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

\_\_\_\_\_. **Cartas do Cárcere.** Volume 1: 1926-1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

KURTZ, Robert. A ignorância da sociedade do conhecimento. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 13 jan. 2002. Caderno Mais. Disponível em: <[www.elsonrezende.hpg.ig.com.br](http://www.elsonrezende.hpg.ig.com.br)>. Acesso em: 22 jun. 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **PNAD 2005 - Acesso à Internet.** IBGE, 23 de março de 2007. Disponível em: <[www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_impressao.php?id\\_noticia=846](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impressao.php?id_noticia=846)>. Acesso em: 21 jan. 2008.

LIMA, Sandra Vaz de. **Aprender a aprender – Sociedade do conhecimento.** 2008. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/ensino-superior-artigos/aprender-a-aprender-sociedade-do-conhecimento-525095.html>>. Acesso em: 22 out. 2008.

MATOS, Manuel. O que é a sociedade da informação? **Revista Educação Sociedade & Cultura**, n.18, p.7-23, 2002.

MESQUITA, José Alegre. **Escola na Sociedade do Conhecimento.** 2002. 71f. Dissertação. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, 2002. Disponível em: <[www.netprof.pt/PDF/parte1.pdf](http://www.netprof.pt/PDF/parte1.pdf)>. Acesso em: 25 out. 2008.

NOSELLA, Paolo. **A Escola de Gramsci.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

OCDE. **Education at a Glance 2008:** OCDE Indicators. Paris: OCDE, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Science, Technology and Industry Outlook, 2008.** Paris: OCDE, 2008b.

- PARAGUASSÚ, Lisandra; FORMENTI, Lígia. Brasil lidera na AL em acesso à internet. **Jornal O Estado de S. Paulo**, 29 de novembro de 2007. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/ensino-superior-artigos/aprender-a-aprender-sociedade-do-conhecimento-525095.html>>. Acesso em: 25 out. 2008.
- PRETTO, Nelson De Luca. Desafios da educação na sociedade do conhecimento. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 52., 2000, Brasília. **Anais...** Programação Científica, 2000. Disponível em: <[www2.ufba.br/~preto/textos/sbpc2000.htm](http://www2.ufba.br/~preto/textos/sbpc2000.htm)>. Acesso em: 25 out. 2008.
- SENE, José Estáquio. A sociedade do conhecimento e as reformas educacionais. In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA, 10., 2008. **Anais...** Barcelona, 26-30 de maio de 2008, Universidade de Barcelona.
- SERTEK, Paulo. **Educação na sociedade do conhecimento**. S/d. Disponível em: <[www.ief.org.br/educ.soc.conhec.pdf](http://www.ief.org.br/educ.soc.conhec.pdf)>. Acesso em: 22 set. 2008.
- STOER, Stephen. No fio da navalha ou, por outras palavras, como Michael Apple chama a nossa atenção para ter cuidado com o fosso. **Currículo sem Fronteiras**, v.2, n.1, p.99-105, jan.-jun. 2002.
- TEDESCO, Juan Carlos. **Educar na Sociedade do Conhecimento**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2006.
- TOFLER, Alvin. **A terceira onda**. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- VELLOSO, João Paulo dos Reis (Org.). **O Brasil e a economia do conhecimento**. Rio de Janeiro: Olympia, 2002.
- WERTHEIN, Jorge. **Inclusão na sociedade do conhecimento**. 2007. Disponível em: <<http://www.agenciact.mct.gov.br>>. Acesso em: 25 out. 2008.